

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



Atena
Editora
Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Entre sexo e gênero: compreensão e não explicação

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E61 Entre sexo e gênero: compreensão e não explicação /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-542-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.423210610>

1. Sexualidade. 2. Gênero sexual. I. Ferreira, Ezequiel
Martins (Organizador). II. Título.

CDD 613.96

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Entre sexo e gênero: Compreensão e não explicação*, reúne nove artigos discutindo questões relativas ao modo como a sexualidade e a identidade de gênero tem sido trabalhado atualmente por diversas áreas.

No artigo *A categoria gênero e as teorias feministas pós-coloniais*, o autor discute como a categoria gênero se insere nos estudos feministas situados dentro da teorização do decolonialismo.

Nos artigos *Gênero e Sexualidade: Debates e Embates Educacionais*; *A Sexualidade Infantil e a Educação: Diálogos Ocultos*; *Consentimento Como Tema Dentro da Educação Sexual* e *Representaciones Sociales de género en estudiantes de educación superior. Estudio de caso en una universidad pública mexicana* os autores discorrem como as categorias de gênero e sexualidade são vistos e trabalhados no ambiente educacional desde os anos iniciais até o ensino superior.

Em *Procedimento de Redesignação de Sexo: Atuação da Equipe Multidisciplinar, Com Vistas a Implementar o Direito a Saúde de Pessoas Transgêneros*, os autores apontam para a importância da equipe multiprofissional durante o processo de redesignação de sexo, como aliados à uma possível redução de danos.

No artigo *Adoção Por Casais Homoafetivos em Aracaju - SE: Percepções dos Pais e Mães Adotivos a Respeito do Processo*, os autores apresentam os resultados de três entrevistas a fim de evidenciar as experiências de adoção por casais homoafetivos na cidade de Aracaju.

Em *A Mulher e a Mulher da Relação: Como discursos hegemônicos constroem expressões do ser sapatão*, a autora discute a representação de gênero em relacionamentos homoafetivos femininos.

E por fim em *A Culpa é Sempre da Mulher! A Fuga da Personagem Lydia Bennet Transposta Para uma Websérie*, a autora analisa como a fuga da personagem Lydia é adaptada para uma websérie e as repercussões dessa ação.

Uma boa leitura!


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CATEGORIA GÊNERO E AS TEORIAS FEMINISTAS PÓS-COLONIAIS

Altair Bonini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106101>

CAPÍTULO 2..... 14

GÊNERO E SEXUALIDADE: DEBATES E EMBATES EDUCACIONAIS

Erika Suyanne Sousa Silva


Naildo Santos Silva

Evandro Nogueira de Oliveira

Marcos Antonio Araújo Bezerra

Edna Ferreira Pinto


Maria Mariana Ferreira Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106102>

CAPÍTULO 3..... 29

A SEXUALIDADE INFANTIL E A EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS OCULTOS

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106103>


CAPÍTULO 4..... 37

CONSENTIMENTO COMO TEMA DENTRO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Anna Beatriz Hermans

Beatriz Aissa

Natália da Cruz Mello

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106104>


CAPÍTULO 5..... 48

REPRESENTACIONES SOCIALES DE GÊNERO EN ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SUPERIOR. ESTUDIO DE CASO EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA MEXICANA

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Enoc Obed De la Sancha Villa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106105>




CAPÍTULO 6..... 61

PROCEDIMENTO DE REDESIGNAÇÃO DE SEXO: ATUAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, COM VISTAS A IMPLEMENTAR O DIREITO A SAÚDE DE PESSOAS TRANSGÊNEROS

Marlene Cristina de Sales Almeida Aguiar

Thiago Luiz Sartori

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106106>

CAPÍTULO 7	81
ADOÇÃO POR CASAIS HOMOAFETIVOS EM ARACAJU - SE: PERCEPÇÕES DOS PAIS E MÃES ADOTIVOS A RESPEITO DO PROCESSO	
Edson José de Oliveira	
Carla Rezende Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106107	
CAPÍTULO 8	93
A MULHER E A MULHER DA RELAÇÃO: COMO DISCURSOS HEGEMÔNICOS CONSTROEM EXPRESSÕES DO SER SAPATÃO	
Camila Fernanda Vaneti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106108	
CAPÍTULO 9	101
A CULPA É SEMPRE DA MULHER! A FUGA DA PERSONAGEM LYDIA BENNET TRANSPOSTA PARA UMA WEBSÉRIE	
Daiane da Silva Lourenço	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4232106109	
SOBRE O ORGANIZADOR	113
ÍNDICE REMISSIVO	114

CAPÍTULO 5

REPRESENTACIONES SOCIALES DE GÉNERO EN ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN SUPERIOR. ESTUDIO DE CASO EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA MEXICANA

Data de aceite: 01/10/2021

Fecha de presentación: 07/07/2021

Cirila Cervera Delgado

Doctora en Historia por la Universidad Autónoma de Zacatecas; Profesora de Tiempo Completo del Departamento de Educación de la Universidad de Guanajuato, México.
ORCID: ID: <https://orcid.org/0000-0001-8036-838X>

Mireya Martí Reyes

Doctora en Ciencias Sobre Arte por el Instituto Superior de Arte de la Habana, Cuba; Directora del Departamento de Educación de la Universidad de Guanajuato, México
ORCID: ID: <https://orcid.org/0000-0001-8959-7541>

Enoc Obed De la Sancha Villa

Doctor en Ciencias del Comportamiento por la Universidad Veracruzana; Profesor de Tiempo Completo del Departamento de Educación de la Universidad de Guanajuato, México.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8609-9480>

RESUMEN: En este trabajo presentamos los resultados de un estudio descriptivo efectuado con estudiantes de tres carreras en una universidad pública en el centro de México. A partir de la conceptualización teórico-conceptual de género como construcción social y cultural y de un breve panorama de la situación que guarda la relación hombres mujeres en México y en la educación superior, y tomando como base metodológica

las Representaciones Sociales (RS) propuesta por Serge Moscovici, aplicamos un instrumento que nos permitió este primer acercamiento a las RS que tienen las y los estudiantes sobre las categorías femenino masculino y las posibilidades de vislumbrar fronteras que abatan la brecha de género que ha conformado la dicotomía hombres-mujeres. Los resultados revelan que prevalecen estereotipos de género, muy arraigados tanto en estudiantes hombres como mujeres; discutimos si estos estereotipos se convierten en factores de exclusión educativa y social, agrandando la brecha de desigualdad, y si se da este escenario, qué puede hacer la educación superior para revertir sus efectos negativos.

PALABRAS CLAVE: Educación superior, Estereotipo de género, Representaciones Sociales, Exclusión social y educativa.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR. ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA MEXICANA

ABSTRACT: In this paper we present the results of a descriptive study carried out with students from three majors at a public university in central Mexico. Based on the theoretical-conceptual conceptualization of gender as social and cultural construction and a brief overview of the situation of the relationship between men and women in Mexico and in higher education, and taking as a methodological basis the Social Representations (SR) proposed by Serge Moscovici, we applied an instrument that allowed us this first approach to the SR that students have on the male and

female categories and the possibilities of envisioning borders that bridge the gender gap that has shaped the male-female dichotomy. The results reveal that gender stereotypes prevail, deeply rooted in both male and female students; we discuss whether these stereotypes become factors of educational and social exclusion, widening the inequality gap, and if this scenario occurs, what higher education can do to reverse its negative effects.

KEYWORDS: Higher education, Gender stereotype, Social Representations, Social and education exclusion.

1 | INTRODUCCIÓN

El género es, conceptualmente, una construcción social de lo femenino y lo masculino, que privilegia lo social y lo simbólico sobre lo biológico en la explicación de las diferencias entre hombres y mujeres (Arango, 1995, p. 22). Como categoría de análisis, permite no sólo indagar para comprender, sino visibilizar para deconstruir las relaciones asimétricas de poder que están en la base de las estructuras sociales, así como en las estructuras mismas del psiquismo de los hombres y de las mujeres, como uno de los dispositivos de la lógica de la dominación de la civilización occidental (Cabral y García, s/f, p. 2). Esta dominación es resultado de las relaciones asimétricas de poder, en este caso, del género masculino sobre el femenino.

Las ideas del presente trabajo están orientadas a repensar el género en los espacios constitutivos donde se asientan los sistemas de representación (creencias, imágenes, percepciones, estereotipos, roles, etc.) que nos hacen ser y hacer a mujeres y hombres conforme a esas representaciones. Así entonces, el género se constituye en una categoría de fuerte anclaje entre los sistemas de dominación de estructura patriarcal (Cabral y García, s/f, p. 2). Por tanto, admitimos que, no obstante que nuestro eje se constituye en torno al mundo de lo identificado social y culturalmente como femenino y masculino, el concepto género como construcción cultural y simbólica de las nociones de masculinidad y feminidad, abre la posibilidad de deconstruir dicha polaridad, invitándonos a pluralizar estas nociones y a referirnos, por tanto, a feminidades y masculinidades, según las refieren Arango, León y Viveros (1995, p. 34), categorías en las que no incursionamos en este texto, porque se delimita en el mundo dicotómico masculino-femenino. Ello, no obstante, no significa que ignoremos la diversidad de género más amplia.

De rancia raíz histórica, la ideología genérica patriarcal parece inalterada, vigente y con la suficiente fuerza para seguir siendo parte de la vida cotidiana: donde las personas se conciben a sí mismas y a los otros; a sus actos, a sus sentires, a sus hechos, y actúan conforme a esos estándares y roles, como han aprendido a ser hombres o mujeres. Marcela Lagarde, con su voz autorizada en este tema, en una ponencia presentada en 1993, que esta tradición patriarcal: “Es una ideología fosilizada, porque expresa y sintetiza separaciones sociales inmutables. Se caracteriza porque cada género es irreductible en el otro: sus diferencias sociales son elaboradas subjetivamente como excluyentes y antagónicas por

naturaleza.” (Lagarde, 1993).

Estas ideas y actuaciones están adheridas en los grupos socio-culturales y son reproducidos y transmitidos de generación en generación, erigiéndose como estereotipos. Tales nos permiten ordenar, clasificar, ubicar y categorizar a las personas; y no podemos olvidar que son representaciones sociales (forman parte de nuestro imaginario colectivo) y las confundimos con una realidad única, absoluta, cristalizada, fosilizada, anclada en una visión histórica, inmutable, naturalista y esencialista, mediante la cual dividimos, fragmentamos y jerarquizamos a los individuos; y así, la identidad construida a partir de los esquemas de género (enraizada en el dimorfismo sexual), se convierte en una forma de fijación y discriminación anclada en estereotipos de género, esto es, en imágenes o modelos esquemáticos, simplificados, sobregeneralizados y superficiales de las personas (Cabral y García, s/f, p. 4). Es esta clase de estereotipos en torno al género la que tratamos de identificar con la presente indagación, basándonos en la metodología de las Representaciones Sociales (RS).

Las RS son también un entramado teórico sugerido por Serge Moscovici, de cuyo significado nos advierte que no es de fácil comprensión. Desde Durkheim, Moscovici (1981), retoma la representación individual y colectiva y acoge el término de representaciones sociales, porque considera que son más apropiadas para ser comprendidas por las sociedades modernas. Con los aportes de la psicología social, Moscovici aporta que las representaciones sociales son sistemas cognitivos con una lógica y un lenguaje propio. No representan simplemente “opiniones acerca de”, “imágenes de”, “actitudes hacia”, sino que encarnan teorías o ramas del conocimiento.

Como sistemas sociales de valores, ideas y prácticas, las RS se plantean cuatro elementos constitutivos de la representación social: La información, que se relaciona con lo que “yo sé”; la imagen, que se relaciona con lo que “veo”; las opiniones, con lo que “creo”; las actitudes, con lo que “siento”; en nuestro caso específico, relacionados con el género. Según Gastrón (2003, p. 178), la representación social del género femenino y del género masculino han ido cambiando en las últimas décadas, incluyéndose los comportamientos sociales cotidianos, la asignación de roles, las costumbres, la educación, las relaciones de pareja y la familia.

Así pues, es de esperar que un nivel educativo, como es el superior, haga su parte en la conformación, pero, sobre todo, en la deconstrucción de los estereotipos, que escinden más que incluir, y, en esa exclusión persisten las relaciones desiguales de poder e, implícitamente, las relaciones de violencia. También, como demuestran los hallazgos de Miranda-Garay, Medrano-Martínez y Talamantes-Pérez (2016, p. 49), es predecible que: “Los resultados varíen en función del género y la licenciatura a que se pertenece. La mayoría de estos resultados son apegados a los estereotipos o al concepto tradicional que se tiene de género, en algunos casos más arraigados que otros.”

Con estos antecedentes, nos dimos a la tarea de averiguar cuáles son las

representaciones sociales de género que prevalecen en estudiantes de licenciatura de una universidad pública en la región central de México, teniendo como supuesto que persisten estereotipos de género que actúan para conformar el ser y hacer de hombres y mujeres.

Presencia de hombres y mujeres en la universidad

De manera muy concisa, presentamos el panorama que guardaba la Universidad tomada como estudio de caso en cuanto a hombres y mujeres (académicos/as, personal administrativo y población estudiantil). De acuerdo con el personal que labora en la Universidad, las mujeres conforman el 41% y los hombres el restante 59%. De manera más específica, por lo que toca al personal académico, el porcentaje de mujeres es de 38%; los hombres ocupan el 62%. No es, en efecto, el meollo de este trabajo, pero vale la pena visibilizar siempre la asimetría entre hombres y mujeres académicos, porque, lo común, es que ellos las superen en número, pero, además, en las categorías (mejores plazas y mejores salarios), por áreas (destacan ellos en las ciencias exactas e ingenierías) y en los sistemas de reconocimientos, como el Sistema Nacional de Investigadores, en México, cuyas membresías representan ingresos económicos.

Retomando la estadística básica de la institución en comento, entre el personal que desempeña actividades administrativas, las mujeres constituyen el 43% y los hombres el 57% restante. Valga también recordar las traducciones de desigualdad en este rubro, pues, además de ser mayoría, por lo general, son los hombres quienes pueden realizar horas extras de trabajo, ya que ellas tienen límite de horario para continuar la jornada en sus hogares, como cuidadoras de los hijos, esposos, padres.

Como se ve claramente, las mujeres que laboran en esa institución son minoría en relación con los hombres. Pero, no ocurre lo mismo con los estudiantes, pues las alumnas constituyen una mayoría, en relación con sus compañeros. Este indicador, por lo general, ha sido utilizado para presumir el resultado de acciones afirmativas en torno a la igualdad de género en las instituciones educativas, sobre todo las de educación superior o universitario; sin embargo, no es así, ya que las mujeres son mayoría en la población total;¹ en consecuencia, esta presencia “mayoritaria” en la matrícula es un reflejo proporcional de esa relación y no un crecimiento significativo que se pueda atribuir al éxito de las políticas públicas o educativas.

Una lectura desde otra perspectiva también indica cuán engañoso puede ser el dato, según sea presentado, puesto que la brecha entre estudiantes hombres y mujeres en educación superior está sumamente marcada en determinadas áreas y niveles, esto es, la balanza se inclina a favor de ellos en estudios de doctorado y en los campos de ciencias exactas, ingenierías y tecnología, por tradición, áreas masculinizadas.

Por su parte, es muy marcada la presencia de estudiantes mujeres en carreras de ciencias sociales, de la salud y humanidades; algunas ingenierías empiezan a descollar por la

¹ De las 126,014,024 personas que residen en México, 51.2% corresponden a mujeres y 48.8% a hombres. Por lo que corresponde a la entidad en donde se ubica el estudio, en el 2020 la población era de 6,166,934 habitantes; de ellos, 3,170,480 son mujeres (51.4%) y 2,996,454 son hombres (48.6%). Censo de Población y Vivienda, 2020.

presencia de estudiantes mujeres, pero son las relacionadas con el cuidado y la manutención (afines al mundo femenino), como las ingenierías en alimentos o ambientales. En cambio, otros campos permanecen con un fuerte sello masculino, como las ingenierías en electrónica, robótica y automotriz. Hay carreras que se mantienen más o menos con proporciones iguales de matrícula femenina y masculina, como las adscritas al área de la administración.

Este es un sencillo panorama que ilustra la situación de la institución que alberga a las y los estudiantes con quienes nos acercamos para conocer qué Representaciones Sociales tienen en torno al género.

METODOLOGÍA

Elegimos estudiantes de tres licenciaturas: Psicología, Administración de Recursos Turísticos y Educación. Las dos primeras están balanceadas en cuanto al número de estudiantes hombres y mujeres, mientras que en educación (como carrera históricamente feminizada), existe una relación de poco más de cuatro mujeres por cada hombre que estudia esa licenciatura.

El instrumento que diseñamos consta de sólo dos apartados: uno en el que cada encuestada/o menciona a la persona (real o de ficción) que más admire; y la segunda, para que indique, de una lista de 60 palabras, cuáles ubica en el mundo de lo femenino y cuáles en el masculino. Los términos fueron extraídos de la bibliografía consultada y señaladamente corresponden a estereotipos masculinos y femeninos (50); mientras que diez son neutros.

El instrumento se diseñó con suficiente espacio para que las y los estudiantes anotaran comentarios, si les placía. Varios de ellos así lo hicieron y enriquecieron sus respuestas.

ALGUNOS RESULTADOS: PREVALENCIAS Y PERSPECTIVAS

Respecto a la primera parte del instrumento, referida a mencionar a la persona o personaje que más admiran los estudiantes, 18 varones y 24 mujeres nombraron a una persona o personaje masculino: las frecuencias más altas corresponden a: Papá, Jesucristo, Buda y Harry Potter. Sólo 6 hombres y 20 mujeres mencionaron a una persona o personaje femenino como aquellas que admiran, siendo las más frecuentes: Mamá, alguna familiar (hermana, tía) y Santa Teresa de Calcuta.

Con nombre propio, las y los estudiantes señalan admirar a tres figuras masculinas: Jesucristo, Buda y Harry Potter y sólo a una femenina: Santa Teresa de Calcuta. La respuesta es consistente con lo que indica la literatura en ese sentido: que las personas y personajes más admirados son los masculinos, fiel a la tradición que refleja la historia (héroes hombres), la ciencia (hombres científicos), la filosofía (no se revela ninguna filósofa), las religiones deístas (Dios y no Diosa), la academia (en su universidad los puestos más altos son ocupados por hombres), y hasta la publicidad (que presenta imágenes de hombres triunfadores y no de mujeres exitosas).

Algunos estudiantes dieron su razón de por qué admiran una figura relacionada ya sea con lo masculino o con lo femenino. Por lo que toca a la primera categoría, dijeron admirar:

inteligencia, lealtad, determinación (7 menciones); humildad, dedicación, entrega, fortaleza, perseverancia, compasión (5 menciones); éxito, responsabilidad, amor (3 menciones); esfuerzo, empeño, carácter, firmeza, liderazgo, amistad, valentía (2 menciones), sensibilidad (1 mención). En una nube de palabras, la representación se aprecia como sigue:



Figura 1. Cualidades masculinas que admiran las y los estudiantes.

Fuente: elaboración propia por medio de nubedepalabras.es/.

Claramente se observa que la cualidad más reconocida en las personas o personajes masculinos que admiran las y los estudiantes es la inteligencia; mientras que la sensibilidad (vista como propia del mundo femenino) apenas es visible.

Tocante a lo que admiran de las personas o personajes femeninos, ubican los siguientes atributos: fuerza (15 menciones), perseverancia (11 menciones); firmeza (5 menciones); amor, entrega (3 menciones); compromiso, determinación, pasión, bondad, humildad, justicia, belleza, protección (1 mención). También hemos representado este hallazgo en la figura 2.



Figura 2. Cualidades femeninas que admiran las y los estudiantes.

Fuente: elaboración propia por medio de nubedepalabras.es/.

Los atributos “amor”, “fuerza”, “entrega” y “firmeza”, son los más admirados en una persona o personaje femenino. El amor no sorprende, puesto que se ha relacionado siempre con el mundo femenino; no obstante, nos sorprendió un poco encontrar “fuerza”, dado que comúnmente ha estado ligado con los hombres. Empero, encontramos una pista en los comentarios de tres estudiantes, que aludieron a la fuerza emocional y espiritual, además de la física. Un encuestado escribió: “A mi mamá. Porque siempre ha sido fuerte para sacarnos adelante”. Otra lectura, muy optimista, es aventurarnos a pensar que las Representaciones Sociales respecto a lo masculino y femenino se están transformando en las y los jóvenes y las están transfiriendo entre los campos masculino y femenino; por ejemplo, atributos como “humildad”, “compasión”, “sensibilidad”, los adjudicaron a la figura masculina, cuando, antaño, sólo se veían *propios* para las mujeres.

A los anteriores, añadimos los términos de “éxito” y “triumfo”, ligados con estereotipos masculinos, pero que, en nuestra muestra, son admirados por las y los estudiantes tanto en figuras masculinas como femeninas. Probablemente, los componentes culturales que hemos citado (historia, ciencia, filosofía, religión, educación, y ahora la enorme influencia de la publicidad en medios digitales), han permeado las conciencias de hombres y mujeres en torno a lo que es admirable y lo que no. No obstante, la no aplastante mayoría y la transferencia de una figura a otra de atributos no hegemónicos, nos permite concebir la esperanza de que las mujeres están empezando a descollar en estos campos; al menos, parece que hay tramos de la frontera masculino-femenino que ya no son mutuamente excluyentes, lo que iría en el camino del reconocimiento de la diferencia para incluir y no más para marginar.

Enseguida, mostramos las RS que tienen las y las estudiantes en torno a lo femenino

y a lo masculino, respectivamente. Utilizando la misma herramienta de la nube de palabras, se aprecia con toda claridad que belleza, emoción, sensibilidad y ternura son términos indefectiblemente vinculados con lo femenino, según las propias mujeres estudiantes. Cuidado, abnegación y pasividad, si bien aparecen, no es con la misma intensidad. Probablemente en estas estudiantes jóvenes se estén transformando los estereotipos de la mujer dedicada a labores de cuidado y sostenimiento, de ser pasivas y abnegadas.



Figura 3. Representaciones Sociales de las estudiantes sobre lo femenino

Fuente: elaboración propia por medio de nubedepalabras.es/.

Procediendo de semejante modo, sistematizamos las RS que las mismas estudiantes ubican con lo masculino. A golpe de vista de la figura 4, nos percatamos que la cantidad de conceptos que las estudiantes identifican con lo masculino disminuye considerablemente en relación con las que identifican con lo femenino. Entre todos los términos enunciados (fuerza, automóvil, protección, jefatura, producción, agresión, sustento, seguridad, dinero, trabajo y firmeza), destacan “Fuerza”, referida a la fuerza física y, desde la literatura especializada, vinculada con el sojuzgamiento, sometimiento y violencia que han ejercido los hombres sobre las mujeres; esta RS aparece con suficiente intensidad todavía. Las más débiles están relacionadas con los conceptos de “jefatura” y “seguridad”; de la primera hubiéramos esperado una mayor intensidad, pero, como venimos describiendo, es muy positivo ir despojando a las palabras de su pertenencia exclusiva o no a los mundos de lo masculino y lo femenino.

El dinero y la firmeza pueden explicarse por sí solas también. Pero nos permitimos hacer un comentario respecto a “Automóvil”, porque está presente desde los primeros años de vida de los varones, en forma de juguete propio para ellos, que juegan con carritos; mientras las niñas lo hacen con muñecas. Sin embargo, en otros momentos de la vida, ya

adulta, el automóvil representa la posibilidad de movimiento, de ir de un lugar para otro: del espacio privado al lugar público. Una estudiante anotó: “Un coche te da la sensación de libertad; no dependes de él para moverte. Vas de un lugar para otro según tu tiempo y no cuando ellos te quieran llevar”. Esa es una idea aspiracional todavía, porque es uno de los términos atribuidos sólo a ellos, en las respuestas de las estudiantes.



Figura 4. Representaciones Sociales de las estudiantes sobre lo masculino.

Fuente: elaboración propia por medio de nubedepalabras.es/.

La siguiente figura, construida con igual procedimiento, nos señala las RS que tienen los estudiantes varones en torno a lo masculino. Probablemente relacionado con términos como “actividad”, “trabajo”, “dinero”, la RS más fuerte que los estudiantes atribuyen a lo masculino es “automóvil”. Le siguen “protección”, “sustento”, “estrategia” y “firmeza”, grupo en el que sólo la primera está más identificada con lo femenino que con lo masculino. Entre las RS más débiles que los estudiantes adjudican a lo masculino están “razón”, “éxito”, “trabajo”, “independencia” y “análisis”, que, sin ser neutras, nos dejan nuevamente este sendero de admitir que no hay exclusivismos cuando somos todos y todas, personas: más allá del género.



Figura 5. Representaciones Sociales de los estudiantes sobre lo masculino

Fuente: elaboración propia por medio de nubedepalabras.es/.

Por último, la figura 6 informa los resultados hallados sobre las RS de los estudiantes en torno a lo femenino.



Figura 6. Representaciones Sociales de los estudiantes sobre lo femenino.

Fuente: elaboración propia por medio de WordItOut.

Es claro que las RS que los estudiantes identifican con mayor fuerza con lo femenino son: “maternidad”, “ternura”, “sensibilidad”, “hijos” y “emotividad”, que tampoco nos sorprende, pues corresponden a estereotipos rotundamente ligados con lo femenino. Lejos, como en el caso de las estudiantes mujeres, quedan las alusiones a términos como abnegación, pasividad e ingenuidad. En la lista también aparecieron palabras que denotan estereotipos

femeninos, como “compromiso”, “honestidad” y “amor”, que son términos neutros, pero que los estudiantes les están adjudicando un carácter más femenino que masculino.

En este afán de encontrar un punto medio de encuentro, balance y equilibrio entre las fronteras de lo masculino y lo femenino, ubicamos, en orden descendente, las RS en las que coinciden las y los estudiantes, a las que les adjudican carga ninguna de género. De hecho, estos términos estaban en nuestra categoría de palabras neutras. Tales son: escuela, estudio, cultura y democracia, lo que, nos hace seguir creyendo en que hay espacios de convivencia y armonía entre los géneros, que nos permite un diálogo en cancha neutral, a partir de la cual construir sobre las diferencias que parecen irreconciliables, Y dada nuestra vocación de educadores, nos complace pensar que es en la escuela y a través del estudio como podemos forjar esos ambientes constructivos de encuentro humano, que nos permita completarnos como personas y crecer juntos como sociedad.

Sin embargo, así como sobresalen las anteriores RS menos cargadas ideológicamente de lo masculino o femenino, también resaltan las exclusiones; las que mutilan al ser humano sea hombre o sea mujer. Aquellas preconcepciones que se ubican en una, pero jamás en el otro. Entre las RS que hombres ni mujeres atribuyeron a lo femenino están: “fuerza”, “automóvil”, “sustento”, “producción”, “seguridad”, “dinero” y “estrategia”, esto es, se ubican como exclusivas para ellos. En nuestra traducción, estas RS revelan que el mundo femenino, las mujeres específicamente, estarían mutiladas, carentes de esas circunstancias y atributos asignados únicamente a los hombres. En igual sentido, se coloca al mundo de lo masculino, a los hombres, como mutilados y negados de: emoción, emotividad, intuición, maternidad, ternura, belleza y sensibilidad, que las y los encuestados relacionaron en exclusiva con el mundo femenino.

Si algunos párrafos anteriores nos hacían concebir la esperanza de espacios comunes, compartidos, dialogantes, entre los mundos masculino y femenino, estos dos últimos nos vuelven a encender la alerta en torno a las exclusiones, las privaciones, las mutilaciones; de esas RS que si nos faltan nos hacen estar incompletos como personas integrales, armónicas y en equilibrio, con nuestra parte femenina y con nuestra parte masculina. Es cierto que los hombres no pueden dar a luz, pero eso no les priva de tener un sentido maternal, ser tiernos, cuidadosos y amorosos. Es cierto que la ternura es más privativa de las mujeres, pero eso no las hace carentes de la fuerza e inteligencia; por dar otro ejemplo.

A MODO DE CONCLUSIONES

Aunque el tamaño de la muestra no nos permite dar conclusiones tajantes, porque no reporta diferencias estadísticamente significativas entre estudiantes mujeres y hombres en cuanto a sus RS sobre el género, sí podemos aventurarnos a plantear que, de acuerdo con los resultados obtenidos, aparece como una constante la autovaloración. Hombres y mujeres pensamos para nosotros/as lo que consideramos como más positivo. En el caso de las mujeres, prácticamente todas se adjudican “inteligencia”; los hombres se otorgan “fuerza”.

Asimismo, detectamos que permanecen RS que son consideradas como estereotipos tanto para hombres como para mujeres. Surgen otros estereotipos *emergentes*, como: automóvil, amor, hijos, alegría y padres, que propusimos a partir de términos neutros, pero que los estudiantes participantes en la encuesta les han otorgado esa carga ideológica de ser parte del mundo masculino o del femenino.

Parece un hecho que la educación es un vehículo para la transmisión de estereotipos, por lo que esperaríamos que, justo un enfoque de género en la educación posibilitaría ver la enorme riqueza de ser diferentes en un terreno equitativo, en donde se procura la igualdad y se aprecia la diversidad como elemento que enriquece los aprendizajes y las personas. A esto nos invitan conceptos como: escuela, estudio, cultura y democracia, que no son estereotipados por alumnas ni por alumnos.

Los estereotipos son creaciones culturales y, por tanto, se pueden deconstruir. Un vehículo que puede hacer una enorme tarea al respecto es la educación. En prácticamente todas las instituciones del país se están aplicando programas para abatir las brechas de desigualdad entre hombres y mujeres en los recintos universitarios, sean trabajadoras o estudiantes. Asimismo, medidas como la transversalización del currículum pueden incidir en la transformación de las estructuras ancladas desde antaño, a concebir nuevas representaciones en torno al género.

REFERENCIAS

Arango, L. G., M. León & M. Viveros (compiladoras) (1995). **Género e identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino**. Bogotá: Tercer mundo editores/Ediciones UNIANDES/Programa de estudios de género, mujer y desarrollo, facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Colombia.

Cabral, B. E. & C. T. García (s/f). **Masculino/Femenino... ¿Y yo? Identidad o Identidades de Género**. Recuperado de [http://www.fongdcam.org/.../Masculino_femenino_y_yo_Identidad_o_identidades_. El día 13 de marzo de 2018](http://www.fongdcam.org/.../Masculino_femenino_y_yo_Identidad_o_identidades_.El_día_13_de_marzo_de_2018).

Gastrón, L. (2003). **Una mirada de género en las Representaciones Sociales sobre la vejez**. En: *La Aljaba*, segunda época volumen VIII, 2003. Pp. 177-192.

Gómez, C. S. (2012). **Estudio descriptivo de la población universitaria por género**. México: Universidad de Guanajuato.

INEGI (2021). Instituto Nacional de Estadística y Geografía. **Hombres y mujeres en México por entidad federativa**. Consultado en <http://cuentame.inegi.org.mx/monografias/informacion/gto/poblacion/>

INEGI (2021). Instituto Nacional de Estadística y Geografía. **Censo de Población y Vivienda 2020**. Consultado en https://www.inegi.org.mx/contenidos/saladeprensa/boletines/2021/EstSociodemo/ResultCenso2020_Nal.pdf

Jodelet, D. (1985). **La representación social: Fenómenos, conceptos y teorías**. En S. Moscovici (Ed.). *Psicología Social*. Barcelona, Paidós.

Lacolla, L. (2005). **Representaciones sociales: una manera de entender las ideas de nuestros alumnos**. En: *Revista ierRed: Revista Electrónica de la Red de Investigación Educativa* [en línea]. Vol.1, No.3 (Julio-Diciembre de 2005). Disponible en Internet: <http://revista.iered.org>. Recuperado el 2 de enero de 2019.

Lagarde, M. (1993) **Identidad Genérica y Feminismo**. Ponencia presentada en el XIII Congreso Internacional de Ciencias Antropológicas y Etnológicas. Ciudad de México, 4 de agosto de 1993.

Miranda-Garay, Juan José, Medrano-Martínez, Luis Arturo y Talamantes-Pérez, Juan (2016). **Discurso y práctica sobre la igualdad de género en el entorno universitario**. En: M. Figueroa & M. Cayeros (2016) (eds.) *Ciencias Estudios de Género*. Handbook T-II. Pp. 41-50. -©ECORFAN, Tepic: México. Recuperado de <https://www.ecorfan.org/handbooks/Ciencias%20Estudios%20de%20Genero%20T-II/5.pdf>

Moscovici, S. (1961, 1976). **La psychoanalyse, son Image et san public**. Paris: PUF.

Moscovici, S. (1981). **On social representations**. En J. P Forgas (Ed.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*, London: Academic Press.

Moscovici, S. (1984). **The Phenomenon of Social Representation**. En R. M. Farr & S. Moscovici (Eds.) *Social Representations*, Cambridge: University Press.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 5, 87, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 110

Adoção homoafetiva 81

C

Consentimento 4, 5, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 84

D

Decolonial 1, 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13

E

Educação sexual 4, 5, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 29, 30, 33, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 99

Educación superior 4, 5, 48, 51

Estereotipo de género 48

Exclusión social y educativa 48

F

Família homoafetiva 81

G

Gênero 2, 4, 5, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 33, 40, 44, 45, 46, 48, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111

H

Homossexualidade feminina 93, 94, 96, 97, 99

I

Invisibilidade lésbica 93

L

literatura 14, 17, 52, 55, 82, 83, 91, 105, 111

Literatura 18, 101

M

Mudança de sexo 61, 62, 63, 67, 68, 77

Multidisciplinar 4, 5, 61, 62, 63, 69, 72, 77

P

Performance de gênero 93, 97

Personagem feminina 101

Pós-colonial 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11

Práticas educativas 14, 22, 23, 27

Preconceito 22, 25, 34, 71, 74, 77, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 96, 101, 102, 103, 104, 105, 111

Professores 14, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 30, 34, 38

Proteção jurídica da pessoa 61, 63

R

Representaciones sociales 4, 5, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

S

Saúde 4, 5, 18, 19, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 39, 46, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 92, 96, 99

Sexualidade 4, 5, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 44, 45, 46, 63, 66, 79, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 106, 108, 110

T

Teorias feministas 4, 5, 1, 2, 11

Transgênitalização 61, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76

V

Violência sexual 37, 40, 82

W

Websérie 4, 6, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Entre sexo e gênero:

Compreensão e não explicação



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br